

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA TRAFARIA

PROJECTO EDUCATIVO

TRIÉNIO 2004/2007

APRESENTADO PELO CONSELHO EXECUTIVO EM REUNIÃO
DE CONSELHO PEDAGÓGICO EM 12 DE JULHO DE 2004

Agrupamento da Trafaria

Índice	1
I- INTRODUÇÃO	3
II- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	5
III-CARACTERIZAÇÃO/DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO	7
1. Comunidade escolar	
1.1. O meio	
1.2. A Escola	
3. Expectativas	
2. Contexto Familiar	
2.1. Caracterização sócio-profissional dos pais e Encarregados de Educação	
2.2. Nível de escolaridade dos pais e encarregados de educação	
3. Contexto escolar	
3.1. Recursos Humanos	
3.1.1. Técnicos e auxiliares de acção educativa	
3.1.1.1. Carreira profissional	
3.1.1.2. Corpo docente	
3.1.2.1. Opinião dos professores sobre o P.E.E.	
3.1.2.2. Carreira profissional	
3.1.3. Alunos atitudes e comportamentos	
3.2. Infra-estruturas/serviços	
3.2.1. estado das instalações	
3.2.2. Qualidade dos serviços	
4. Situação pedagógica	
4.1. Modelo organizacional	
4.2. Ofertas educativas	
4.2.1. Actividades curriculares	
4.2.2. Actividades de complemento curricular	
4.2.3. Projectos pedagógicos	
4.2.4. Projectos de formação desportiva	
4.3. Sucesso escolar e factores que o condicionam	
4.4. Resultados	
4.5. Diplomas	
5. Situação financeira	
5.1. Receitas e despesas	
5.2. Protocolos e acordos	
IV- IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS PROBLEMÁTICAS	13
V- PRINCÍPIOS ORIENTADORES	13
VI- OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DA ESCOLA	15
1. Organização pedagógica	

2. Relações escola/meio 3. Organização dos recursos 4. Administração e gestão da escola	
VII– ESTRATÉGIAS 1. Área cultural 1.1. Cultura humanística 1.2. Cultura científico-tecnológica 1.3. Cultura de índole antropológico-social 1.4. Cultura cosmopolita 1.5. Cultura empresarial 1.6. Cultura telemática 1.7. Cultura desportiva 2. Área curricular 3. Área financeira 4. Área administrativa	18
VIII–EXECUÇÃO DO PROJECTO	20
IX- CALENDARIZAÇÃO	24
X– AVALIAÇÃO DO PROJECTO	25
XI– QUESTÕES FINAIS	25

AGRUPAMENTO DA TRAFARIA

I- INTRODUÇÃO	I
---------------	---

Como é referido no Decreto-Lei 115-A/98, que estabelece e normaliza os limites e a aplicação a chamada “autonomia das escolas”, a Lei de Bases do Sistema Educativo prometia a legislação que viria lançar os princípios deste. É assim que o Decreto-Lei 172/91, de 10 de Maio, afirma que:

“O modelo agora instituído pretende assegurar à escola as condições que possibilitam a sua integração no meio em que se insere. Exige o apoio e a participação alargada da comunidade na vida da escola.

(...)

Garante, simultaneamente, a prossecução de objectivos educativos nacionais e a afirmação da diversidade através do exercício da autonomia local e a formulação de projectos educativos próprios.”

Tendo como pressuposto que a escola é uma construção social, considera-se o projecto educativo como um processo de desenvolvimento da organização escolar num tempo e espaço determinados, considerando este espaço como um conjunto de iniciativas a desencadear, coerente e sistematicamente, pelos agentes educativos, tendo como suporte um dado contexto social.

O Projecto Educativo de Escola é um documento, de planificação educativa a longo prazo que estabelece as linhas orientadoras da estratégia a adoptar pela escola, devendo ser único e englobante porque define a sua política. Esta resulta da sua reflexão, do diálogo e das posições dos diversos elementos da escola, ou seja, de um diagnóstico da sua situação real.

Contudo, tal como mencionado no artigo 3º, ponto 2 do Decreto-Lei 115 – A/98, o P.E.E. não pode ser confundido com o Plano Anual de Actividades da Escola, uma vez que o Projecto é um documento elaborado para traduzir o compromisso a que foi possível chegar na definição dessa política por parte dos diferentes intervenientes: professores, alunos, pais, funcionários e instituições que colaboram com a escola.

O Plano Anual de Actividades é um documento técnico, realizado a partir do P.E.E. e estabelece metas para um ano lectivo, contendo o conjunto de princípios e actividades que vão ser executadas para levar à prática o P.E.E. .

Sendo assim, o P.E.E. refere-se, à gestão, ao governo e à organização da escola, expressando a sua identidade como instituição, as finalidades que a norteiam, as metas que escolheu e os meios que se propõe pôr em prática para as atingir.

O P.E.E. deve globalizar a acção educativa, *«Na medida em que o projecto abrange todos os domínios da vida da escola (pedagógico, socioeducativo, associativo, formação de pessoal, etc.) pode não só facilitar a ligação entre as diferentes disciplinas mas também a ligação entre o curricular e o extracurricular, a educação e o ensino. O projecto permite centrar nos alunos a acção educativa e pôr em causa o fraccionamento dos tempos, dos espaços, dos agrupamentos e dos saberes, que caracterizam a organização tradicional da escola pública.»*^{1[1]} .

Ao unificar critérios, reunindo e dando coerência às acções individuais, o P.E.E., como é afirmado no artigo 4º do Decreto-Lei 115 – A/98, confere estabilidade e eficiência à gestão escolar «garantindo a existência de mecanismos de comunicação e informação» e a transparência das decisões de ordem administrativa e executiva.

De acordo com o artigo 2º, da Lei de Bases do Sistema Educativo, um dos princípios que postula a Educação para o Desenvolvimento será garantido pelo P.E.E. ao modificar a visão tradicional da aprendizagem e ao consciencializar o aluno do seu papel activo na construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária, levando-o a adquirir uma capacidade crítica face à complexidade da sociedade em que vive.

Assim, o P.E.E. deve tentar dar ao aluno os meios essenciais para que ele possa ser um agente activo na transformação dessa mesma sociedade e tornar-se num cidadão responsável capaz de construir o seu futuro pessoal e social.

^{1[1]} João Barroso, "Fazer da Escola um Projecto":

Desde há anos, tem vindo a ser incumbência da Secção Cultural do Conselho Pedagógico a elaboração do Plano Anual de Actividades da Escola.

Em 1994, por iniciativa da Secção Cultural, o Conselho Pedagógico debateu, a propósito da elaboração do Plano de Actividades para 1994/95, a oportunidade da adopção de um projecto educativo e aconselhou os grupos disciplinares a uma reflexão sobre o assunto. Concluiu-se, então, que a Escola deveria caminhar progressivamente para a elaboração de um projecto educativo. Neste sentido, foi decidido adoptar um tema globalizante até à aprovação do P.E.E. – *“POR UMA ESCOLA DE QUALIDADE”*

Ao longo dos anos lectivos seguintes, o Conselho Pedagógico reflectiu, por várias vezes, sobre a importância do Projecto Educativo como alargamento da autonomia e continuou a incentivar a comunidade educativa a uma maior participação.

Os resultados da avaliação internacional PISA (OCDE/2001); as recomendações da IGE, inseridas no Relatório Nacional –Avaliação Integrada das Escolas(2002); o *Manifesto para a Educação da República* apresentado ao Presidente da República por um grupo de cidadãos preocupados com o actual estado da educação em Portugal e o estudo de Roberto Carneiro “2020: 20 Anos para Vencer 20 Décadas de Atraso Educativo”, levam o actual Conselho Executivo a apresentar um novo PEE, estruturado numa **MELHORIA EFICAZ DA ESCOLA**, entendida esta como uma mudança educacional planeada que valoriza:

- **os resultados de aprendizagem dos alunos;**
 - e, a capacidade da escola gerir **os processos de mudança** conducentes a esses resultados.

Este conceito de **MELHORIA EFICAZ** é sustentado pelos seguintes princípios:

- Os objectivos e o sucesso da Melhoria Eficaz da escola devem ser definidos, simultaneamente, em termos de critérios de eficácia e termos de critérios de melhoria;
- O critério da eficácia é aplicável se a escola consegue melhores resultados de aprendizagem para os seus alunos, acrescentando mais valia a esses resultados;
- O critério da melhoria é aplicável se a escola gere com sucesso mudanças de situações necessárias a uma maior eficácia da escola;

- Os professores são centrais na condução de todos os esforços em direcção á eficácia e á melhoria;
- A melhoria eficaz da escola só tem sucesso se se verificarem simultaneamente ambos os critérios;

A melhoria eficaz da escola concretiza-se, assim, em dois tipos de resultados:

- **Resultados intermédios**, referidos à melhoria dos processos desenvolvidos a nível da sala de aula e da escola, os quais devem ser avaliados utilizando um critério de melhoria;
- **Resultados dos alunos**, considerados em termos cognitivos, de atitudes ou de competências, que são avaliados segundo critérios de eficácia.

As mudanças educacionais planeadas neste PEE, terão de ser avaliadas e os resultados comparados com os obtidos na **avaliação diagnóstico da escola feita no início da aplicação deste PEE** - saber-se-á então do sucesso das medidas aplicadas e se estas se traduziram numa melhoria eficaz da escola, isto é, numa melhoria da sua qualidade.

Para a avaliação diagnóstico da escola, colaboraram todos os Professores fazendo a análise estatística dos dados referentes às avaliações dos alunos por disciplinas e anos de escolaridade, faltas e abandono escolar relativos aos últimos 5 anos e os inventários de todas as salas, laboratórios, salas específicas, mobiliário e restante material de toda a escola.

A avaliação diagnóstico referente às expectativas, grau de satisfação e caracterização sócio- cultural dos vários grupos da comunidade educativa, será elaborado por uma **Equipa de (auto) avaliação do agrupamento** constituída para o efeito e que iniciará funções no começo do ano lectivo 2004/2005.

O sucesso da melhoria eficaz, traduzir-se-á na melhoria da qualidade da escola, tendendo esta a assumir-se e a afirmar-se gradualmente, perante a sociedade, como uma **ESCOLA DE QUALIDADE**.

O PEE terá que ser visto como um projecto dinâmico, que mobiliza continuamente a comunidade educativa em volta da *missão, visão e valores partilhados* e um plano estratégico assumido por todos numa escola autónoma, espaço de auto-realização, inovação e boas práticas.

A Qualidade implica um sistema eficaz de comunicação; a Qualidade implica uma gestão flexível, baseada em projectos, factos e processos, na confiança, liderança partilhada, autonomia; a Qualidade implica abertura da escola ao meio e às praticas das outras escolas; a Qualidade implica práticas permanentes de Benchmarking; A Qualidade implica avaliação: avaliação pedagógica, a avaliação institucional, avaliação dos processos, dos projectos, avaliação da qualidade. A avaliação deve ser consequente e ajudar a concretizar os planos de melhoria- caso contrário limitar-se-á a determinar quem

deve ser premiado ou castigado. A transparência da avaliação evita efeitos perversos como seja a confusão com procedimentos inspectivos de mero controlo.

Para a elaboração deste PEE , foi fundamental a honestidade, profissionalismo e consciência cívica dos Professores que, conscientes da importância da Escola como motor de sobrevivência do país enquanto tal e como parte integrante do projecto europeu, aderiram e cumpriram o que lhes foi pedido, de boa vontade, apesar do cansaço natural próprio desta época do ano.

III – Caracterização/ Diagnóstico da situação actual

III

1-COMUNIDADE ESCOLAR

1.1. O Meio

O Agrupamento está localizada na Trafaria - sede de freguesia desde 1926 e elevada a vila em 1985 - concelho de Almada, distrito de Setúbal.

A Trafaria nos seus primórdios era um pequeno aglomerado de pescadores, do qual se desconhece a data da fundação.

De acordo com Frei João de Sousa, Trafaria deriva do árabe "Tarifa" (coisa extrema, final, última), segundo outros o verdadeiro nome da povoação é "tarrifa", local onde existem muitas tarrafas (um tipo de redes de pesca). Outra hipótese é colocada por David M. Lopes, destacado investigador e estudioso da influência da língua árabe na toponímia portuguesa, que defende que a sua origem se deve à junção do elemento "Traf", que significa ponte ou cabo, com o vocábulo latino "Arena" que em português é areia, dando assim, por sua vez, a formação da palavra "Trafarena" (ponta ou cabo de areia) a qual, depois de profunda transformação fonética, no decorrer dos tempos , daria lugar à actual designação de Trafaria.

As informações mais antigas de que se tem conhecimento sobre a Trafaria datam do século XVII, altura em que D. Pedro II ordenou a construção do Forte da Trafaria por onde passaram alguns dos liberais no tempo de D. Miguel. Contudo, somente no século XVIII é que a Trafaria se integra enquanto vara da freguesia da Caparica e começa então a ter algum papel de destaque.

Em 1776 viviam-se tempos conturbados pois haviam rumores de uma guerra com Espanha o que originou a um reforço de recrutamento

por parte do governo, bem como uma permanente atenção a possíveis focos de conspiração. Ora, nesta época, a Trafaria era um refúgio de malandragem e de desertores que aí procuravam escapar aos imperativos da lei e assim sendo o Marquês de Pombal ordenou ao mais tarde famoso Pina Manique que incendiasse aquela povoação e prendesse os fugitivos por forma a controlar a situação. A concretização deste plano ocorre em Janeiro de 1777 com o cerco significativo de forças militares que ateam fogo deixando a vila praticamente toda destruída. Apesar da reconstrução o seu desenvolvimento é recente.

“Horrrível” foi a qualificação que Raul Brandão atribuiu à Trafaria, contudo as praias desta freguesia foram frequentadas por Ramalho Ortigão, Bulhão Pato entre outras personalidades. Na opinião de Raul Proença “uma das mais belas páginas das farpas, é aquela em que se descreve a morte de um pescador no mar à vista da praia (...) tendo precisamente por cenário a Trafaria”.

É especialmente a partir do século XIX que várias figuras públicas e intelectuais começam a frequentar a Trafaria especialmente na época balnear iniciando-se então um período de expansão durante o qual são edificadas residências de Verão de dois andares com elementos decorativos do século, proliferam os clubes e associações recreativas especialmente dirigidas aos veraneantes e são implantadas duas fábricas de conserva de peixe hoje inexistentes.

A esta expansão segue-se um período de declínio a partir da década de 40 do século XX o que se deveu à ascensão da freguesia da Costa da Caparica cujas praias passaram a ser mais acessíveis e atractivas, principalmente a partir da data da construção da então denominada “Ponte Salazar”.

Na última década a população sofreu uma grande alteração, por realojamentos camarários da antiga população noutras freguesias, acentuação de habitações degradadas e clandestinas ocupadas por famílias “imigrantes” normalmente pouco estruturadas e conseqüente formação de uma nova população, muito heterogénea, de fraco nível económico. A evolução demográfica registada na freguesia da Trafaria acompanha a tendência geral de envelhecimento da população do Concelho. Esta tendência reflecte-se directamente na

progressiva redução do número de alunos inscritos nas várias escolas do Agrupamento.

Não há dados concretos sobre a caracterização da população actual nem mesmo sobre o seu número de habitantes!

Há ainda carências de equipamentos colectivos e de espaços verdes tratados. Há falta de ofertas adequadas para a ocupação dos tempos livres dos jovens em idade escolar. A situação tende a alterar-se com a construção de novos espaços de utilização cultural e recreativa.

1.2. O AGRUPAMENTO

O Agrupamento, criado no ano lectivo 2000/2001, é constituído pela Escola EB 2 e 3 da Trafaria e as escolas EB1 n^{os} 1 e 2 da Trafaria e de Costas de Cão e a EB1/J1 da Trafaria.

A Escola EB 2 e 3 foi criada em 1973, com a designação de Escola Preparatória Fernão Mendes Pinto, para uma população de 300 alunos, tendo sido erigida no espaço de uma antiga fábrica de pólvora, da qual permanece intacta uma chaminé de tijolo situada no seu pátio principal.

É constituída por pavilhões térreos sem nunca ter sofrido alterações (apenas obras de manutenção). Encontra-se implantada na zona periférica da Trafaria (S. Pedro da Trafaria) a cerca de 5 minutos do centro da Costa de Caparica e da Trafaria, em frente a um bairro degradado de grande extensão.. Pouco tempo depois, a população escolar atingia o triplo da inicialmente prevista, exigindo a construção de um anexo, a reconversão de alguns espaços.

A construção de novas escolas no Município, durante a década de 80, impediu a superlotação da Escola e contribuiu lentamente para a gradual redução do número de alunos. Esta tendência foi reforçada com a progressiva desaceleração do crescimento demográfico registado desde a década de 80, tendo actualmente cerca de 300 alunos.

A Escola EB1 n^o1 da Trafaria

Situa-se na Avenida 25 de Abril. É uma escola do Plano de Centenários à qual foi acrescentada uma cantina, inaugurada pela Presidente da Câmara de Almada, em Janeiro de 2004, baptizada com o seu nome – Maria Emília Sousa.

Escola EB1 nº2 da Trafaria

Esta escola, construída em 1976, fica situada na Estrada Militar, na Quinta da Corvina, numa zona calma e arborizada. O espaço exterior é amplo, possui floreiras e uma zona de areia com pinheiros.

Escola EB1/JI da Trafaria (antiga escola EB1 nº 3)

A escola situa-se na Rua 1º de Maio, numa zona residencial. O espaço circundante é ladeado por habitações e por um espaço verde. Tem um espaço polidesportivo, um jardim com uma zona de pavimento betumado e acesso a um parque infantil, da Junta de Freguesia.

Escola EB1 de Costas de Cão

A escola de Costas de Cão funcionou pela primeira vez, na segunda década do século XX, num edifício pertencente a Epifânio Gonçalves. Mais tarde, nos anos 40, a Câmara de Almada alugou um edifício, situado na Azinhaga de Pera, para onde foi transferida. Em 1977, devido ao estado de degradação deste edifício, foram construídas as instalações actuais, em terrenos cedidos pelos proprietários da Quinta da Conceição. Mais tarde foi adicionado um edifício em alvernaria, onde funciona a cantina.

1.3. Expectativas

Sucesso pessoal

Sucesso social

Sucesso profissional

Itens a preencher pela Equipa de Avaliação

2- CONTEXTO FAMILIAR

2.1.- Caracterização sócio profissional dos pais e encarregados de educação

A preencher pela Equipa de Avaliação

2.2. Nível de escolaridade dos pais e encarregados de educação

A preencher pela Equipa de Avaliação

3.1.2.1 Opinião dos professores sobre o P.E.E.

A preencher pela Equipa de Avaliação, com dados relativos a 2004/2005

3.1.3 Alunos - atitudes e comportamentos

A preencher pela Equipa de Avaliação, com dados relativos a 2004/2005

3.2 Infra-estruturas/serviços

Em anexo encontram-se plantas das instalações das escolas.

A Escola EB 2 e 3 é constituída por pavilhões construídos em placas de betão, com pavimentos de cimento revestido por material sintético, tectos falsos em Armstrong e cobertura de Lusalite.

Existe ainda uma construção anterior à formação da escola onde funciona o arquivo. Na zona oeste do terreno localizam-se os campos desportivos.

Neste conjunto arquitectónico funcionam:

- 8 salas de aula
- 1 laboratório de Físico-Química (com anexos)
- 1 laboratório de Biologia (com anexos)
- 1 sala de Educação Visual (com anexos)
- 1 sala de Educação Tecnológica (com anexos)
- 1 sala de Educação Visual e Tecnológica (com anexos)
- 2 salas de Educação Musical
- 1 sala de TIC
- 1 Centro de Recursos
- 1 gabinete de apoio

Existem ainda:

- 1 sala do Conselho Executivo (com anexos)
- 1 sala de Professores
- 1 sala de Funcionários
- 1 sala dos Directores de Turma
- 1 gabinete dos Serviços de Acção Social Escolar
- 1 sala de Reprografia (com anexos)
- 1 Papelaria/Bar
- 1 Refeitório
- 1 pavilhão gimnodesportivo
- 1 sala dos Serviços Administrativos
- 1 sala de Arquivo

Os acessos ao estabelecimento de ensino efectuem-se pelos dois portões laterais situados na rua adjacente à Escola.

A Escola EB1 n°1 da Trafaria

Com 4 salas e 3 anexos, dos quais 2 funcionam como salas de aula e o outro, como sala de Recursos Educativos e uma cantina, construída num edifício independente, completamente equipada de novo, com capacidade para servir cerca de 150 refeições diárias.

Escola EB1 n° 2 da Trafaria

Possui 3 salas de aulas, um espaço onde funciona a cantina e um pavilhão polivalente (construído em 1997) onde funcionam as ATL e as aulas de Educação e Expressão Físico-Motora, embora os balneários estejam desactivados.

Escola EB1/JI da Trafaria

O edifício do Tipo P3 constituído por 12 salas de aula agrupadas em núcleos de 3, com uma zona suja; um polivalente, onde funcionam as ATL; uma sala de professores, e uma cantina. O edifício tem 6 casas de banho para alunos, duas para auxiliares e professores, uma cozinha e uma arrecadação. Na escola funciona o Jardim de Infância que ocupa duas salas.

Escola EB1 de Costas de Cão

A escola funciona num pavilhão pré-fabricado, com 2 salas de aula e dispõe de uma cantina.

3.2.1 Estado das instalações

Relativamente ao estado das instalações, verifica-se, a necessidade de proceder a melhoramentos, designadamente nos seguintes aspectos: limpeza, equipamento, comodidade e dimensão.

É necessário melhorar o equipamento da sala de professores, salas de aula, espaços exteriores, instalações sanitárias (anexas ao ginásio e S.A.), reprografia, bar dos Professores, Gabinetes de apoio educativo, assim como proceder à substituição de janelas, bandeiras exteriores e algumas portas.

Destaca-se também a necessidade de melhorar a limpeza das, dos espaços exteriores e das salas de aula ,recorrendo á contratação de mais Funcionários.

Há ainda a salientar a necessidade de melhorar a comodidade dos seguintes espaços: instalações sanitárias, espaços exteriores, balneários, salas de aulas, sala de professores, reprografia, bar dos Professores.

Será necessário reformular os espaços destinados ás salas de EVT,ET,EV.

Será necessário construir um pavilhão (pré fabricado de madeira),para alojar a equipa da Segurança Social responsável pelo projecto "*Ser Criança*" com a qual estabelecemos parceria.

3.2.2 Qualidade dos serviços

A preencher pela Equipa de Avaliação, com dados relativos a 2004/2005

4- SITUAÇÃO PEDAGÓGICA

4.1 Ofertas educativas

4.1.1 Actividades curriculares

A definir pelo Conselho Pedagógico, na reunião de 12 de julho de 2004

4.1.2 Actividades de complemento curricular

A definir pelo Conselho Pedagógico, na reunião de 12 de julho de 2004

4.1.3 Projectos pedagógicos

A definir pelo Conselho Pedagógico, na reunião de 12 de julho de 2004

4.1.4 Projectos de formação desportiva

A definir pelo Conselho Pedagógico, na reunião de 12 de julho de 2004

4.2 Sucesso escolar e factores que o condicionam

A preencher pela Equipa de Avaliação

4.3 Resultados

A preencher pela Equipa de Avaliação

4.4 Diplomas

O Agrupamento de Escolas da Trafaria confere os seguintes diplomas:
Diplomas de 3º ciclo do Ensino Básico

5- SITUAÇÃO FINANCEIRA

5.1 Receitas e despesas

Constituem-se como fontes de receita o Orçamento de Estado, o Orçamento de Receitas Próprias, , verbas para o Desporto Escolar, verbas da Câmara e Junta de Freguesia, subsídios pontuais de departamentos do Ministério da Educação ou entidades particulares.

Como despesas temos as inerentes ao funcionamento normal da Escola.

A Contabilidade do Agrupamento, como empresa pública que é passa a reger-se pelo POC-E, cujos princípios assentam em:

5.2 Protocolos e acordos

Com vista à execução dos seus projectos, a Escola está a negociar alguns protocolos (alguns já concluídos) com as seguintes entidades:

- Centro de Emprego
- Câmara Municipal de Almada (nas áreas cultural e desportiva)
- Segurança Social
- Projecto PEETI

IV- Identificação de áreas problemáticas

IV

A preencher pela Equipa de Avaliação

V- PRINCÍPIOS ORIENTADORES

V

Se a Lei de Bases define que “o sistema educativo se deve organizar de forma a desenvolver o espírito e a participação democrática”, o decreto – lei 43/89 procura dar às escolas as competências e os espaços de decisão, assumindo a Escola a responsabilidade do processo educativo de modo a facilitar a inovação e a mudança. A Escola deve caminhar para um processo de renovação constante dentro dos limites permitidos pela tutela e pelas regras de autonomia, de modo a tornar-se mais eficiente, criativa e enraizada de facto na realidade social concreta, nas suas múltiplas manifestações.

O C.E. propõe á comunidade educativa do Agrupamento, que seja aceite por todos como:

VISÃO

A construção de uma escola que melhore a aptidão dos cidadãos para a leitura, a escrita, a matemática, as ciências e as tecnologias de informação e da comunicação, que invista no desenvolvimento das pessoas, na sua autonomia, na sua capacidade de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a estar com os outros, a trabalhar em equipa, que forme cidadãos activos, esclarecidos e socialmente intervenientes ,e que promova a coesão social- UMA ESCOLA DE QUALIDADE, e uma ESCOLA EFICAZ, em que os alunos progridem mais do que aquilo que poderia ser esperado, tendo em conta as suas aprendizagens anteriores, a sua origem familiar, etc

Os princípios orientadores referidos obrigam a que a Escola assuma e exerça as suas competências próprias nos vários domínios e de forma progressiva, otimizando o aproveitamento dos seus recursos, reforçando as relações com a comunidade, criando as condições necessárias ao desenvolvimento de projectos pedagógicos e culturais capazes de envolver todos os alunos, professores, funcionários, pais e encarregados de educação.

MISSÃO- a escola deve assumir-se como estabelecimento de ensino e também como instituição cultural, afirmando-se pela capacidade de inovação pedagógica e como fonte de divulgação de iniciativas inspiradas por vários pólos de cultura:

Cultura humanística, num âmbito mais vasto que o tradicional, contribuindo para a prática e a difusão das artes e das letras, para a generalização de conhecimentos básicos da História e da Geografia, para a divulgação e discussão das correntes filosóficas recentes e também dos fundamentos éticos de uma sociedade moderna;

Cultura científico-tecnológica, contribuindo para a assimilação de conceitos, teorias e métodos de base, assim como para a divulgação das mais recentes tendências e inovações em diversas áreas de interesse geral, predominantemente numa óptica de interpenetração das ciências puras e aplicadas;

Cultura antropológico-social, visando a formação cívica, em sentido lato, e o apetrechamento intelectual básico para uma mentalidade participativa nas questões colectivas e favorecendo o conhecimento de outras formas de cultura paralela à Escola e aos poderes instituídos em relação com associações culturais e recreativas e dinamizando pequenos grupos, aprofundando os valores do património cultural;

Cultura cosmopolita, promovendo o conhecimento e a compreensão de outras formas de civilização, mediante os quais se possa aprofundar o espírito de tolerância e diálogo entre povos e raças, entre valores e tradições, como factor de miscigenação ou de coexistência pacífica e como antídoto essencial do racismo, da xenofobia e da intolerância étnica;

Cultura empresarial, fomentando ou apoiando iniciativas que permitam envolver professores, alunos e encarregados de educação com vocação para essa área, preparando ou facilitando a integração no tecido económico da comunidade, aproximando a Escola do mercado de trabalho e das exigências profissionais;

Cultura telemática, visando apetrechar docentes e discentes para a compreensão e utilização dos novos meios informáticos e de telecomunicações, entendidos não só como instrumentos de produtividade indispensáveis na moderna organização do trabalho, mas também como meios privilegiados de busca e intercâmbio da informação;

Cultura desportiva, aumentando a capacidade de resposta da Escola aos interesses e motivações da sua comunidade, nomeadamente na área das suas Actividades Físicas e Desportivas, através da sua participação activa no estudo e ou participação do fenómeno desportivo e na prática desportiva (de carácter meramente lúdico ou de índole competitiva), no respeito pelos seguintes princípios :

- desenvolvimento de hábitos de higiene e de vida saudáveis que fomentem o gosto pela prática, mesmo para além da vida escolar ;
- aumento do repertório motor com vista ao desenvolvimento das suas capacidades ;
- criação de situações em que o aluno se assuma como cidadão responsável, autónomo, solidário, interveniente, cooperante, crítico, criativo e integrado na comunidade local ;

- promoção da formação cívica e moral, bem como do espírito desportivo.

CARTA ÉTICA- Propomos a adopção desta carta para todos os Profissionais que integram as escolas do Agrupamento, reconhecendo que a auto-reflexão e a reflexão partilhada em equipa constituem o campo de criação da consciência ética, para que a deontologia seja um quadro de referências e não um catecismo. Esta compreende quatro dimensões:

1- Valores/ deveres para com os públicos

- a) valor/dever de respeitar a DIGNIDADE do ser humano; a singularidade das situações individuais e sócio-familiares; a multicularidade
- b) valor/dever de cuidar da PARTICIPAÇÃO do sujeito-objecto da intervenção pela criação de condições facilitadoras da expressão, implicação e co-responsabilidade nos projectos de remediação, prevenção ou resolução dos problemas identificados.
- c) valor/dever de defender-educar-promover a INDIVISIBILIDADE DOS DIREITOS (cívico-políticos, económico-sociais e culturais).
- d) valor/dever do RESPEITO MÚTUO.
- e) Valor/dever da CONFIDENCIALIDADE e do SIGILO PROFISSIONAL.

2- Os valores/deveres para com os colegas e outros profissionais

- a) valor/dever da RECIPROCIDADE enquanto processo de permuta e complementaridade de saberes, experiências, resultados e opiniões. O valor/dever de repartir responsabilidades, partilhar vantagens pela cooperação e de estabelecer prioridades, adoptando a avaliação como procedimento metodológico essencial. Importa reconhecer que "trabalho em equipa" não deve ser confundido com "trabalho com uma equipa" .
- b) valor/dever da INTEGRAÇÃO dos novos colegas.
- c) Valor/dever da CONSIDERAÇÃO/RESPEITO por todos cuidando da qualidade da relação e da participação de todos, rompendo com o elitismo, a burocratização e o centralismo.
- d) Valor/dever da COLABORAÇÃO NA FORMAÇÃO dos futuros profissionais .

3- Valores /deveres para com as organizações-instituições e a sociedade

- a) valor/dever da LEALDADE INSTITUCIONAL.
- b) Valor/dever da CONTRATUALIZAÇÃO-PARCERIA, segundo uma lógica de negociação, que rentabilize os recursos disponíveis e promova a eficácia, na base duma cultura do *reconhecimento* em oposição à cultura do *mal-dizer*.
- c) Valor/dever da IGUALDADE DE OPORTUNIDADE e DA EQUIDADE (discriminação positiva-dar mais a quem tem menos, para viabilizar o direito á igualdade de oportunidades), cujo garante deve ser o Estado de direito democrático, a quem compete promover a efectivação dos direitos humanos.
- d) Valor/dever de INVESTIR NO FORTALECIMENTO DA SOCIEDADE CIVIL, ou seja a importância da *Comunidade* enquanto campo de relações próximas , de base territorial ou centrada na defesa de causas comuns, que sensibilizam e alargam a CONSCIÊNCIA CRÍTICA DOS CIDADÃOS.

e) Valor/dever de PARTICIPAR NAS ASSOCIAÇÕES DA SUA CATEGORIA PROFISSIONAL.

f) valor/dever de DIVULGAR-CRIAR OPINIÃO PÚBLICA sobre os projectos e actividades inovadoras para ir construindo *um novo senso comum*.

4-Os valores/deveres para consigo próprio

a) valor/dever da AUTENTICIDADE enquanto postura/atitude, sempre em construção , de coincidência ou aproximação entre as palavras e os actos, entre o parecer e o ser. *Tolerância e uma vida de verdade* (Hans Kung,1999) para consigo próprio, pelo reconhecimento das limitações e capacidades próprias.

b) Valor/dever da COMPETÊNCIA enquanto capacidade de desempenho, de formação permanente, pós-graduação,e, particularmente, a auto-formação, entendida como tempo que cada um permite a si próprio, trabalhando-se. Assim a competência é um desígnio/ projecto pessoal . Pela auto-reflexão (*uma hora por dia para estudar,UNESCO, 1997*) gere-se-controla-se também as emoções e sofrimentos que as vidas de outros em nós desencadeiam.

c) Valor/dever da REALIZAÇÃO PESSOAL, sustentada na autenticidade e na competência, para que a nossa profissão seja de efectivo serviço aos cidadãos e, por isso, socialmente útil, bem como, pessoalmente gratificante.

1. ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Agrupamento está fundamentalmente vocacionada para o prosseguimento de estudos mas não pode esquecer o seu importante papel na preparação dos alunos para a vida activa e para o desempenho pleno da cidadania. Neste sentido, privilegia a pedagogia activa, aberta à introdução dos modernos recursos e técnicas de interesse pedagógico e didáctico, de acordo com os seus recursos financeiros.

Neste quadro, estabelecem-se como objectivos fundamentais nesta área:

- a) Repensar a organização do 3º Ciclo do Ensino Básico
- a) Reorganizar as estruturas pedagógicas das Escolas, de forma a melhorar a sua capacidade de resposta aos novos desafios e aos novos imperativos institucionais;
- a) Repensar continuamente a oferta curricular, procurando corresponder às exigências do mundo em mudança, às solicitações da comunidade e às características do meio, tendo em conta os recursos disponíveis e a sua rentabilização;
- a) Promover a elaboração e execução de projectos interdisciplinares, quer no interior da própria comunidade educativa, quer com escolas nacionais e estrangeiras, através de intercâmbios, de modo a contribuir para a formação integral dos alunos;
- a) Criar as condições pedagógicas e materiais favoráveis ao desenvolvimento de projectos de actividades de complemento curricular que contribuam para a melhor integração dos jovens na comunidade educativa, para o sucesso escolar e para a aquisição de novas competências e saberes;
- a) Apoiar a consolidação dos núcleos e clubes reconhecidos como agentes privilegiados da implementação dos projectos de actividades de complemento curricular, como forma de levar os alunos a aprender a trabalhar em grupo, a educar para os valores e a motivá-los para a área curricular;
- a) Dinamizar o desenvolvimento de projectos pedagógicos no âmbito do património e dos valores culturais, privilegiando o contacto com elementos culturais diferentes que contribuam para a aquisição de atitudes de tolerância e de respeito;
- a) Descobrir, orientar e desenvolver as capacidades e aptidões de cada indivíduo, tendo como objectivo o sucesso pessoal;
- a) Privilegiar estratégias activas diversificadas;
- a) Motivar os alunos para o trabalho em equipa na partilha de responsabilidades, desenvolvendo a capacidade de adaptação a novas situações, o sentido de autonomia, solidariedade e cooperação;

- a) Promover a qualificação dos alunos, tendo em vista a melhor integração no mundo do trabalho.

2. RELAÇÕES ESCOLA/MEIO

Agrupamento deve:

- a) Contribuir para uma definição mais concreta da sua identidade de acordo com a comunidade em que se insere, promovendo a interacção Escola/Meio, através da cooperação com as Entidades Educativas Locais, outras escolas, Autarquia, Associação de Pais, Centro de Emprego, Empresas e Associações Culturais e Desportivas;
- b) Favorecer o desenvolvimento e concretização de projectos culturais, de acordo com o interesse da comunidade educativa e com o meio onde as Escolas se inserem.
- c) Realizar actividades de intervenção comunitária (Ambiente, Património, etc.), aproveitando as potencialidades formativas do meio e a partilha dos recursos e saberes;
- d) Integrar nos planos curriculares disciplinas de oferta própria, em função das necessidades do meio;
- e) Fomentar a participação dos pais e encarregados de educação na resolução dos problemas que envolvem os seus educandos;
- f) Incentivar o envolvimento da Escola no meio, criando condições de aprendizagem e de intervenção;
- g) Colocar a Escola ao serviço da comunidade local, mediante a celebração de protocolos com instituições públicas e privadas.

3. ORGANIZAÇÃO DOS RECURSOS

Os constantes e novos desafios que se colocam no ensino obrigam a Escola a prestar uma atenção especial à formação de pessoal.

Estabelecem-se como objectivos principais deste sector:

- a) Promover a formação contínua de professores, privilegiando a área científica, através de seminários e acções de formação levadas a cabo pela Associação de Escolas e outras entidades formadoras;
- b) Assegurar a formação contínua de pessoal auxiliar e administrativo, tendo como objectivos melhorar a qualidade dos serviços e reforçar a humanização da Escola;
- c) Melhorar a qualidade e a funcionalidade dos espaços e dos serviços escolares (biblioteca, reprografia, papelaria, posto de socorros), de modo a criar um ambiente de trabalho e de convívio cada vez mais próximos do espírito e dos princípios do Projecto Educativo;
- d) Criar serviços capazes de dar resposta às possíveis necessidades identificadas no diagnóstico do Projecto Educativo (Gabinete de Psicologia, Serviços de Saúde, Assistência Social);
- e) Promover o bom relacionamento entre os diferentes elementos da comunidade educativa, respeitando as diferenças, valorizando os saberes e competências;

- f) Criar novos espaços que favoreçam a inovação pedagógica--- gabinetes de trabalho;
- g) Redefinir, melhorar e ampliar os espaços para a prática desportiva;
- h) Melhorar os espaços interiores e exteriores das Escolas;
- i) Melhorar o nível de vigilância das instalações (espaços interiores e exteriores);
- j) Apetrechar/modernizar os equipamentos;
- k) Garantir a manutenção, conservação, arrumação e limpeza das instalações escolares.

4. ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DA ESCOLA

1. ÁREA CULTURAL

1.1. Cultura humanística

No âmbito da cultura humanística, os objectivos da Escola devem ultrapassar os da simples divulgação teórica e prática, promovendo:

- a detecção e desenvolvimento de talentos;
- o incentivo à criação;
- a instituição de prémios anuais de cariz literário e artístico;
- a criação e o planeamento de iniciativas abertas à comunidade escolar e extra-escolar.

Para além do intuito de defesa da língua portuguesa, em face do qual todos os professores da Escola devem considerar-se professores de língua materna, favorecendo, através de iniciativas diversas, a recuperação da memória histórica dos portugueses e a compreensão da nossa especificidade cultural, não só enquanto cultura autónoma, mas também quanto ao modo peculiar de relacionamento com outras civilizações.

Porque a língua e a história também são património, e uma e outra têm caído num estado de incúria conflagradora no sistema educativo em geral e na escolaridade obrigatória em particular, outra terá que ser a nossa postura pedagógica. E uma parte complementar deste esforço de reabilitação da nossa própria cultura deve ser a divulgação da trajectória histórica dos Portugueses no Mundo.

1.2. Cultura científico-tecnológica

Para estabelecer a ligação entre a formação escolar de base e o mundo real das aplicações da ciência, a Escola deve promover diversas actividades, entre as quais se incluem as seguintes:

- ligação da teoria com a prática: utilização da tecnologia existente e incentivo à pesquisa;
- realização de conferências/debates e visitas de estudo;
- ligação aos institutos e às universidades.

1.3. Cultura de índole antropológico-social

No âmbito do que vem sendo hábito, deve a Escola:

- perseguir objectivos que habilitem cada indivíduo a tornar-se um cidadão esclarecido e participante, propagando as noções cívicas fundamentais, educando para um sã convivência, familiarizando-o com as linhas básicas de orientação das diversas famílias políticas, incentivando-o à participação em

- organizações e movimentos de natureza cívica ou humanitária, sensibilizando-o para questões de natureza ambiental e de ordenamento do território;
- criar e promover regras básicas de higiene pública;
 - compreender as grandes linhas de força actuais da evolução social e económica,
 - preservar os valores históricos e patrimoniais do município, da região e do país;
 - incentivar e estabelecer protocolos de interacção com associações culturais e recreativas;
 - promover a criação de grupos de defesa e estudo do património cultural;
 - dinamizar colóquios/debates sobre temas culturais e questões candentes da sociedade actual ;
 - promover espectáculos teatrais, musicais e gímnicos, mostras de arte e de artesanato.
 -

1.4. Cultura cosmopolita

Sem prejuízo de todas as iniciativas avulsas que visem promover o conhecimento da diversidade étnica e cultural do país, da Europa e do mundo em geral (crenças religiosas, sistemas de parentesco e de organização familiar, valores e costumes, formas de organização do trabalho, concepções estéticas e manifestações de arte, antecedentes históricos e políticos), a Escola poderá promover, em cada ano lectivo e com carácter rotativo, a divulgação de uma das grandes zonas de civilização do mundo nas suas múltiplas facetas, com o eventual apoio de embaixadas, centros culturais e associações.

1.5. Cultura empresarial

Para além da inovação alicerçada na oferta curricular, da dinamização de grupos e ideias para enquadramento e realização de projectos concretos e de acções de divulgação de conhecimentos fundamentais nas áreas relacionadas com a gestão de empresas, pode a Escola acolher a iniciativa da criação de gabinetes específicos (Gabinete de Estudos e Projectos ou Gabinete de Apoio e Formação, Gabinete de Divulgação), convenientemente entrosados entre si e com um regime de funcionamento sujeito a regulamentação própria.

1.6. Cultura telemática

No âmbito da cultura telemática, deve a Escola:

- familiarizar todos os seus membros com a utilização de sistemas operativos, programas correntes de aplicação, modos de utilização da Internet, busca e tratamento da informação, utilização conjugada de meios informáticos e de telecomunicações, etc., em níveis elementares e de aperfeiçoamento, reconhecendo o carácter cada vez mais vital do domínio prático destes procedimentos numa sociedade em transformação profunda;
- continuar o esforço de permanente actualização do equipamento informático de modo a assegurar a formação dos docentes, tendo em vista a exploração

otimizada dos recursos disponíveis quer no âmbito das TIC, quer no âmbito curricular;

- dispor de equipamento multimédia moderno acessível a toda a comunidade para o desenvolvimento de projectos curriculares, extracurriculares e lúdicos;
- continuar a privilegiar a celebração de protocolos com entidades públicas e privadas a fim de garantir a permanente actualização e inovação pedagógica.

1.7. Cultura desportiva

De acordo com os princípios orientadores anteriormente enunciados, deve a Escola procurar contrariar o sedentarismo crescente da população, que se reflecte nos baixos índices de participação na vida escolar, através de actividades que se desenvolvam ao nível curricular, de complemento curricular e no âmbito da relação Escola/meio.

2. ÁREA CURRICULAR.

De acordo com as possibilidades logísticas em instalações e apetrechamento, deverão ser tomadas em conta no planeamento da oferta curricular, salas de estudo e

Nesta área, a Escola deve privilegiar a adopção de medidas para ultrapassar as dificuldades de integração dos alunos no 10º ano de escolaridade e o insucesso escolar registado.

Entre as estratégias possíveis, consideram-se as seguintes:

- conhecimento do percurso escolar do aluno durante a permanência no agrupamento, nomeadamente através do Processo Individual do Aluno (PIA);
- contactos institucionais evitando o abandono precoce da escola e visando a concretização para todas as crianças da escolaridade obrigatória
- responsabilização dos Encarregados de Educação no percurso escolar dos seus educandos;
- contacto dos jovens com a realidade do mundo de trabalho, nomeadamente com as empresas do meio envolvente;
- criação de *Oficinas de Aprendizagem*;
- acompanhamento personalizado do aluno (tutorias);
- criação de condições para melhor desempenho da função de director de turma.

3. ÁREA FINANCEIRA

O Agrupamento deve procurar fontes alternativas de financiamento e apoio logístico, em três áreas fundamentais:

1.^a- a criação interna de uma secção ou de um gabinete especialmente vocacionado para a angariação e gestão de contributos mecenáticos das forças empresariais do concelho, no espírito de um relacionamento mais profundo entre as Escolas do Agrupamento e as empresas;

2.^a- o estabelecimento de protocolos específicos com entidades eventualmente interessadas em financiar, promover ou assessorar tecnicamente acções e projectos de vária índole;

3.^a- a realização, dentro da Escolas do Agrupamento e fora delas, de iniciativas culturais geradoras de mais-valias financeiras, ao abrigo da possibilidade de autofinanciamento prevista no D.L. n.º 115-A/98 (art.º 49.º, al. g).

4. ÁREA ADMINISTRATIVA

Deve-se, neste campo, fazer um sério esforço de modernização e simplificação dos procedimentos administrativos, com um recurso tão alargado quanto possível às modernas tecnologias de informação, de maneira a permitir um desempenho expedito pelos funcionários e órgãos administrativos e uma utilização rápida dos serviços pelos utentes. Este esforço deve ter como propósito libertar o mais possível cada professor das tarefas de índole burocrática, de modo a concentrar a sua atenção nas tarefas de índole pedagógica.

VIII – EXECUÇÃO DO PROJECTO

VIII

O Projecto Educativo e o Plano Anual de Actividades para 2004/2005 devem ser aprovados pelo Conselho Pedagógico até ao final do ano lectivo.

Nos anos seguintes, os Planos Anuais de Actividades deverão ser aprovados até ao dia 15 de Julho do ano lectivo anterior ao da sua aplicação.

IX – CALENDARIZAÇÃO

IX

O Projecto Educativo entrará em vigor no início do ano lectivo de 2004/2005 e tem a vigência de três

X – AVALIAÇÃO DO PROJECTO

X

A avaliação compete à Assembleia de Escola depois de ouvir o Conselho Executivo e o Conselho Pedagógico. Deverá a Assembleia de Escola desencadear o processo de avaliação do Projecto até ao final de cada ano lectivo.

A obrigatoriedade da avaliação anual do projecto não impede que qualquer um dos órgãos intervenientes no processo (Assembleia de Escola, Conselho Executivo, Conselho Pedagógico) proponha uma avaliação extraordinária. A decisão final de qualquer avaliação extraordinária carece de aprovação da Assembleia de Escola.

XI – QUESTÕES FINAIS

XI

O Projecto pode ser alterado ou reformulado numa das seguintes situações:

No final do seu período de vigência;

Mediante proposta do Conselho Executivo apresentada no período máximo de três meses após a tomada de posse e desde que este objectivo conste do seu programa de candidatura;

Após avaliação ordinária ou extraordinária.

ANEXOS

**PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES
2004/2005
2º e 3º CICLOS**

1º PERÍODO

Visita de estudo à zona histórica de Belém (2º ciclo HGP) - Elvira Cordeiro;
Bochecho de Flúor (2º ciclo)- Professores de FC/Grupo de CN;

OUTUBRO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
ING 2º ciclo	28 /29	<i>HALLOWEN</i>	Sala aula	Cremilde Barreiros Jorge Araújo

NOVEMBRO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
MAT 3º ciclo	10	Olimpíadas da Matemática		Prof. Ana Santos
DE Atletismo	12	1º Encontro Inter Escolas		Prof. Ana Torres
EF	30	Corta Mato Escolar	Escola	Todos os Professores

DEZEMBRO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
EMRE	10	Visita de Estudo a Mérida		Prof. Paulo Brás
DE Atletismo	11	2º Encontro Inter Escolas		Prof. Ana Torres
DE Actividade Externa	11	1º Convívio Aventura		Grupo EF
DE Trampolins	13	1º Encontro Inter Escolas	Barreiro	Prof. Rui Jorge Pinto
ING 2º ciclo	13 a 17	<i>Christmas Time</i> Troca cartões Natal	Sala aula	Cremilde Barreiros Jorge Araújo
EM	15	Canções de Natal (5º ano)	Refeitório	Prof. Jorge Gonçalves
EF MAT/EA	16	Inter-turmas Jogo 24	CN2	Grupo EF Grupo Matemática/EA
EF DE	17	Inter-turmas Demonstração de Trampolins		Grupo EF Prof. Rui Jorge Pinto

2º PERÍODO

Visita de estudo ao Museu de Arqueologia (3º ciclo HGP) – Elisabete Pires
 Bochecho de Flúor (2º ciclo)- Professores de FC/Grupo de CN;
 Curso de Carnaval da CMA – A Idade Média
 Torneios Inter Turmas de Basketball e Volleyball (Taça Luís Figo) - Grupo EF
 Gincana de Ciclismo – Grupo EFDia Técnicas de Montanhismo – DE Actividade Externa ?

JANEIRO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
DE Atletismo Trampolins	15	3º Encontro Inter Escolas 2º Encontro Inter Escolas	Sesimbra	Prof. Ana Torres Prof. Rui Jorge Pinto
DE Actividade Externa	22	Biatlo		Grupo EF
EF	26	Corta Mato Concelhio	Parque da Paz	Grupo EF
DE Actividade Externa	29	2º Convívio Aventura		Grupo EF
LP	30	Dia Escolar da Não Violência e da Paz	Aulas de LP	Prof. De LP 2º Ciclo

FEVEREIRO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
LP 2º Ciclo		Carnaval - Origens	Sala de Aula	Prof. de LP
ING 2º ciclo LP 2º ciclo	14	<i>Valentine´s Day</i> Dia de S. Valentim	Sala de Aula	Prof. de Inglês Prof. de LP
EMRE	19	Visita de Estudo Serra da Estrela		Prof. Paulo Brás
DE Atletismo Trampolins	26	4º Encontro Inter Escolas Campeonato Distrital		Prof. Ana Torres Prof. Rui Jorge Pinto

MARÇO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
EF	4	Corta Mato Distrital		Grupo EF
DE Actividade Externa	9	Festival Actividades Aventura		Grupo EF
DE Trampolins	18	4º Encontro Inter Escolas		Prof. Rui Jorge Pinto
LP 2º Ciclo	21	Dia Mundial da Floresta	Sala de Aula (sensibilização)	Prof. de LP
ING 2º ciclo	21-24	<i>Easter Time</i> Troca de Cartões		Cremilde Barreiros Jorge Araújo

3º PERÍODO

Peça de Teatro "A Idade Média" (Clube de Teatro);
 Dia Medieval (todo o Agrupamento);
 Participação na "Festa da Música" – Clube da Música;
 Torneio Inter Turmas de Atletismo (DE-Taça Luís Figo);
 Duetlo/Triatlo ou Piscina (DE – Actividade Interna)
 Semana da Ginástica (DE);
 Feira Pedagógica (DE)
 Festival de Ginástica do Barreiro (DE).
 Bochecho de Flúor (2º ciclo)- Professores de FC/Grupo de CN;

ABRIL

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
DE Act Ext	9	Troféu Aventura		Grupo EF
EMRC	14	Encontro 3º Ciclo	Alcochete	Prof. Isabel Severino
MAT	11-29	Semana da Matemática	Escola	Comunidade Escolar
DE Atletismo	16	5º Encontro Inter Escolas		Prof. Ana Torres
DE Act Ext	21	Troféu Aventura		Grupo EF
DE Trampolins	22	Treinos Abertos		Prof. Rui Jorge Pinto
LP 2º Ciclo	23	Dia Mundial do Livro (marcadores de livros)	Sala de Aula	Prof. LP
DE Atletismo	29-30	Campeonatos Regionais		Prof. Ana Torres

MAIO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
DE Apoio 1º C	6	Festa do Desporto Escolar		Prof. Renato Dias
DE Act Ext	6-8	Fase Final Taça Luis Figo		Grupo EF
HIS/GEO	9	DIA da EUROPA	Escola	Professores de HGP, HIS e GEO

JUNHO

GRUPO	DIA	ACTIVIDADE	LOCAL	INTERVENIENTES
DE Apoio 1º C	1	Festival Concelhio		Prof. Renato Dias
DE Trampolins	8	5º Encontro Inter Escolas		Prof. Rui Jorge Pinto
DE Apoio 1º C	8	Giga-Joga	Almada	Prof. Renato Dias
DE Apoio 1º C	8	Saltitando	Montijo	Prof. Renato Dias
MAT	20	Gincana da Matemática	Escola	Comunidade Escolar
DE Act Ext	21	Encontro 1º Ciclo		Grupo EF

JULHO

DE Act Ext	3-9	Campo de Férias I		Grupo EF
DE Act Ext	10-16	Campo de Férias II		Grupo EF

ESCOLA EB 2 3 DA TRAFARIA

LÍNGUA PORTUGUESA - 2º e 3º CICLOS

ANO LECTIVO 2004/2005

CrITÉrios de Avaliação

Parâmetros a ter em conta na criação de situações de aprendizagem e conseqüentemente na avaliação:

No plano das atitudes (40%)

- Assiduidade (5%).
- Pontualidade (5%).
- Autonomia (5%).
- Iniciativa (5%).
- Sentido de responsabilidade (5%).
- Empenho (5%):
 - disponibilidade para a aprendizagem;
 - esforço desenvolvido na realização das tarefas;
 - auto-avaliação.
- Relacionamento interpessoal (5%):
 - sentido de cooperação e entreaajuda;
 - respeito pelos outros;
 - respeito por normas de convivência e de trabalho.
- Organização pessoal (5%).

No plano dos conhecimentos (60%)

- Compreensão (10%), aquisição (10%), aplicação (10%), relacionamento (10%) e articulação (10%) de:
 - factos;
 - regras;
 - conceitos;
 - procedimentos.
- Capacidade crítica (10%).

ESCOLA EB 2,3 DA TRAFARIA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS – INGLÊS
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO (ANO LECTIVO 2004-2005)

Nível um:

- ✿ O aluno não adquiriu os conhecimentos mínimos exigidos por grande falta de assiduidade.
- ✿ Revela muitas dificuldades na compreensão, na expressão oral e escrita.
- ✿ Nunca participa nas actividades escolares, demonstrando falta de atenção e interesse.
- ✿ Nunca faz os trabalhos de casa.
- ✿ Tem um comportamento inadequado na sala de aula.

Nível dois:

- ✿ O aluno não adquiriu os objectivos mínimos exigidos.
- ✿ Revela notórias dificuldades na compreensão do que ouve e lê, bem como na expressão oral e escrita, não tendo adquirido os conhecimentos gramaticais e vocabulares exigidos.
- ✿ Não participa na maioria das actividades da aula, denotando falta de atenção e interesse.
- ✿ Não realiza os trabalhos de casa.
- ✿ Tem um comportamento inadequado na sala de aula.

Nível três:

- ✿ O aluno adquiriu os conhecimentos mínimos exigidos.
- ✿ Revela algumas lacunas na compreensão do que ouve e lê, bem como na expressão oral e escrita.
- ✿ Participa nas actividades da sala de aula com algum interesse, estando geralmente atento.
- ✿ Faz, com alguma regularidade, os trabalhos de casa.
- ✿ Comporta-se geralmente com correcção.

Nível quatro:

- ✿ O aluno adquiriu os conhecimentos exigidos com facilidade.
- ✿ Compreende o que ouve e lê e exprime-se, quer oralmente, quer por escrito, com correcção.
- ✿ Participa nas actividades da sala de aula com bastante interesse, estando frequentemente atento.
- ✿ Realiza sistematicamente os trabalhos de casa.
- ✿ Tem um comportamento correcto.

Nível cinco:

- ✿ O aluno adquiriu os conhecimentos exigidos com muita facilidade.
- ✿ Compreende muito bem o que ouve e lê, exprimindo-se oralmente e por escrito com bastante correcção.
- ✿ Participa nas actividades da sala de aula com imenso interesse, estando sempre atento.
- ✿ Realiza sempre os trabalhos de casa.
- ✿ Tem um comportamento irrepreensível.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO – 2004/2005

A avaliação assenta essencialmente nos seguintes domínios:

- Conhecimentos
- Processos de pensamento
- Comunicação
- Técnicas e Procedimentos
- Realização de projectos
- Realização de trabalhos sobre a Matemática
- Atitudes

Itens que constam da Ficha dos Encarregados de Educação:

- Conhecimentos
- Processos de pensamento
 - Resolução de problemas
 - Raciocínio lógico
 - Exploração de conexões
- Comunicação Matemática
- Técnicas e Procedimentos
- Atitudes

Na **Compreensão de Conhecimentos** tem-se em conta:

- Compreensão dos conteúdos básicos
- Memorização de conhecimentos
- Utilização do vocabulário próprio de cada conteúdo
- Capacidade de interpretação da linguagem corrente e da linguagem matemática simbólica
- Capacidade de acompanhar uma linha de raciocínio

Na **Resolução de Problemas** tem-se em conta:

- Capacidade de interpretar o enunciado de um problema
- Capacidade de seleccionar os conhecimentos necessários à sua resolução
- Capacidade de seleccionar a estratégia mais adequada à resolução
- Capacidade de executar essa estratégia
- Capacidade de analisar criticamente os resultados
- Capacidade de apresentar conclusões

No **Raciocínio Lógico** tem-se em conta:

- Capacidade para procurar regularidades
- Capacidade para fazer conjecturas

- Capacidade para testar conjecturas
- Capacidade para argumentar logicamente para justificar opiniões

Na **Exploração de Conexões** tem-se em conta:

- Capacidade para aplicar conhecimentos e processos da Matemática em situações reais
- Capacidade de interpretar e utilizar representações matemáticas (tabelas, gráficos, diagramas, expressões)

Na **Comunicação Matemática** tem-se em conta:

- Compreende enunciados orais e escritos, distinguindo o essencial do acessório
- Interpreta e utiliza representações matemáticas (tabelas, gráficos, diagramas, expressões)
- Utiliza o vocabulário próprio de cada conteúdo
- Interpreta a linguagem corrente e a linguagem matemática simbólica
- Comunica oralmente e por escrito enunciados de problemas, processos e conclusões
- Comunica oralmente e por escrito com clareza e correcção

Na **Técnicas e Procedimentos** tem-se em conta:

- Utilização do calculo mental
- Domínio do algoritmo das operações estudadas
- Utilização de fórmulas na resolução de problemas
- Manipulação de materiais (máquina de calcular, materiais de traçado e medição, outros)

Nas **Atitudes** tem-se em conta:

- Pontualidade
- Autonomia
- Sentido de responsabilidade
- Cumprimento de regras
- Capacidade de reconhecer o erro e mudar
- Cooperação
- Organização dos materiais específicos da disciplina

Na Ficha dos Encarregados de Educação não constam os critérios de avaliação referentes à realização de projectos e à realização de trabalhos sobre a Matemática, no entanto, sempre que a(o) professora(o) solicitar um trabalho deste tipo, facultará e explicará os referidos critérios.

Nas **Realização de Projectos** tem-se em conta:

- Capacidade para cumprir as tarefas que lhe estão destinadas
- Empenho na realização dessas tarefas
- Capacidade para escutar as opiniões dos colegas
- Capacidade para contribuir com opiniões para a resolução dos problemas
- Respeito pelas regras e critérios de actuação
- Capacidade de escolher uma estratégia adequada à resolução de uma situação
- Capacidade para ouvir e respeitar as opiniões dos outros

Na **Realização de Trabalhos** tem-se em conta:

- Disponibilidade e interesse
- Capacidade para recolher informação em diversas fontes
- Capacidade para seleccionar e organizar a informação
- Apresentação do trabalho respeitando as orientações quanto ao tipo de suporte utilizado
- Revelar preocupação quanto à qualidade na apresentação dos seus trabalhos

Por vezes é utilizado o jogo em contexto de sala de aula, deste modo, durante o **Jogo** tem-se em conta:

- Respeita regras e critérios de actuação
- Identifica uma estratégia adequada à resolução dum situação
- Exprime e justifica as suas opiniões
- Ouve e respeita a opinião dos outros

Escola do Ensino Básico 2+3 da Trafaria

Ano Lectivo 2004 / 2005

Critérios de Avaliação em Francês

Provas de Avaliação Escrita:

-Testes Sumativos, Fichas de Trabalho, Composições ----- 50%

Provas de Participação Oral:

-Exercícios de Leitura e Compreensão de Textos; Compreensão de Documentos Gravados; Participação em Diálogos (Jeu de Rôle)----- 30%

Trabalhos de Grupo e / ou TPC -----10%

Comportamento / Atitudes -----10%

Escola EB 2º e 3º Ciclos da Trafaria

EDUCAÇÃO MUSICAL Critérios de Avaliação – 2º Ciclo 2004 / 2005

1 – Saber estar

2 – Saber ouvir / pensar

3 – Saber cantar / tocar / construir

1 – Saber estar

- Assiduidade e pontualidade
- Cumprimento das regras da sala de aula.
- Cooperação entre pares
- Relação com os outros
- Empenho nas actividades propostas
- Utilização do vocabulário musical

2 – Saber ouvir / pensar

- Audição crítica e auto-crítica
- Discriminação tímbrica
- Reconhecimento de:
 - a) formas
 - b) géneros
 - c) métricas
 - d) modos

3 – Saber cantar / tocar / construir

- Utilização do aparelho fonador de modo salutar
- Apropriação de técnicas adequadas à produção sonora
- Construção de:
 - a) maracas
 - b) mum-mum

Técnicas e Instrumentos de Avaliação

- Escalas de classificação contínuas
- Escalas de classificação aditivas
- Grelhas de observação
- Testes de aptidão musical IMMA
- Testes escritos
- Gravações áudio/vídeo

Em conformidade com os princípios enunciados no ponto 6 do Despacho Normativo nº1 / 2005 foi criado um documento cujo título é, “Este período devers saber:”, onde o aluno é informado dos itens a que será avaliado. Esse documento, que deverá ser assinado pelo Encarregando de Educação, e passar a constar do caderno diário do aluno, servirá também de ficha de auto-avaliação no final de cada período.

Crêterios de Avalia o – 3º Ciclo **2004 / 2005**

1 – Saber estar

2 – Saber ouvir / pensar

3 – Saber cantar / tocar / fazer

1 – Saber estar

- Assiduidade e pontualidade
- Cumprimento das regras da sala de aula.
- Coopera o entre pares
- Rela o com os outros
- Empenho nas actividades propostas
- Utiliza o do vocabulário musical

2 – Saber ouvir / pensar

- Audi o crítica e auto-crítica
- Discrimina o tímbrica
- Reconhecimento de:
 - a) formas
 - b) g neros
 - c) métricas
 - d) modos
- Enquadramento dos diferentes g neros musicais nas diversas épocas da História da Música

3 – Saber cantar / tocar / fazer

- Utiliza o do aparelho fonador de modo salutar
- Apropria o de técnicas adequadas   produ o sonora
- Constru o de:
 - a) ideofone
 - b) cordofone
 - c) membranofone
 - d) aerofone

Técnicas e Instrumentos de Avalia o

- Escalas de classifica o contínuas
- Escalas de classifica o aditivas
- Grelhas de observa o
- Teste diagnóstico
- Testes escritos
- Grava es  udio / vídeo

Em conformidade com os princípios enunciados no ponto 6 do Despacho Normativo n 1 / 2005 foi criado um documento cujo título  , “Este período dever s saber:”, onde o aluno   informado dos itens a que será avaliado. Esse documento, que deverá ser assinado pelo Encarregado de Educa o, e passar a constar do caderno diário do aluno, servirá também de ficha de auto-avalia o no final de cada período.

ESCOLA BÁSICA 2,3 DE TRAFARIA

Departamento de Línguas Germânicas / 9º Grupo

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE INGLÊS – 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Ano Lectivo: 2004/2005

	Competências	Instrumentos de Avaliação	Peso (%)
COMPREENDER (Ouvir / Ler / Ver)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreende os conteúdos apresentados sob as formas verbal e figurativa (mapas / figuras / tabelas / dados...) ✓ Compreende os vários enunciados / instruções ✓ Identifica informação geral e específica a partir do que ouve/lê/vê ✓ Reconhece afinidades / diferenças entre a nossa cultura e a cultura anglo-saxónica ✓ Interpreta diferentes tipos de texto 	Trabalhos da aula Trabalhos de casa Observação directa Registos escritos (grelhas...) Testes Trabalhos-	20%
INTERAGIR (Ouvir / Falar; Ler / Escrever)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Articula as diferentes “skills” da disciplina ✓ Utiliza adequadamente os materiais (dicionários, gramáticas, manual, “workbook”) ✓ Participa em conversas no contexto das actividades da aula (ouve/fala) ✓ Apreende e produz diferentes tipos de mensagem 		15%
PRODUZIR (Falar; Escrever)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplica / relaciona os conhecimentos adquiridos ✓ Utiliza o vocabulário correcto e específico ✓ Estrutura adequadamente as frases / ideias ✓ Exprime-se com clareza e correcção ✓ Produz diferentes tipos de texto 		20%
SABER APRENDER	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pesquisa e utiliza diversas fontes de informação ✓ Adopta estratégias diversificadas na resolução de problemas ✓ Domina métodos / estratégias de trabalho ✓ Utiliza estratégias de apropriação da língua estrangeira ✓ Adopta estratégias adequadas às suas necessidades ✓ Revela espírito crítico 		20%

ATTITUDES e VALORES	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Contribui positivamente para o trabalho da turma e do pequeno grupo ✓ Organiza o trabalho e os materiais ✓ Executa as tarefas propostas na aula ✓ Realiza os trabalhos de casa ✓ Procura corrigir os erros, esclarecer as dúvidas, superar as dificuldades ✓ É atento e concentrado ✓ É assíduo e pontual ✓ Revela autonomia; empenhamento no trabalho da aula; respeito pelos outros ✓ É portador do material necessário 	Projecto	25%
		TOTAL	100%

ESCOLA E.B. 2+3 DA TRAFARIA

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE E.F.

ANO LECTIVO 2004/05

DOMÍNIO DO “SABER FAZER” (de acção):

- ▶ **Nível 1** – o aluno nunca aplica os critérios de correcção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva;
- ▶ **Nível 2** – o aluno raramente aplica os critérios de correcção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva;
- ▶ **Nível 3** – o aluno aplica algumas vezes os critérios de correcção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva;
- ▶ **Nível 4** – o aluno aplica quase sempre os critérios de correcção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva;
- ▶ **Nível 5** – o aluno aplica sempre os critérios de correcção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva.

DOMÍNIO DO “SABER”(de conhecimento):

- ▶ **Nível 1** – o aluno não conhece os fundamentos das unidades dadas;
- ▶ **Nível 2** – o aluno conhece deficientemente os fundamentos das unidades dadas;
- ▶ **Nível 3** – o aluno conhece razoavelmente os fundamentos das unidades dadas;
- ▶ **Nível 4** – o aluno conhece e compreende os fundamentos das unidades dadas;
- ▶ **Nível 5** – o aluno aplica e critica os fundamentos das unidades dadas.

DOMÍNIO DO “SABER SER”(de atitude):

- ▶ **Nível 1** – o aluno revela pouca participação e interesse pelas actividades. Integra-se com dificuldade e não coopera com os colegas e professor;

- ▶ **Nível 2** – o aluno revela fraca participação e desinteresse pelas actividades. Integra-se com dificuldade e poucas vezes coopera com os colegas e professor;
- ▶ **Nível 3** – o aluno revela interesse e participa nas actividades. Integra-se e colabora com o grupo;
- ▶ **Nível 4** – o aluno revela bastante interesse e participa nas actividades. Integra-se, colabora e estimula a participação no grupo;
- ▶ **Nível 5** – o aluno é responsável, revela empenhamento nas actividades, integra-se, colabora e estimula a participação no grupo;

ESCOLA E.B. 2º e 3º CICLOS TRAFARIA

CrITÉRIOS de Avaliação

Disciplina: Educação Tecnológica

Ano Lectivo: 2004/2005

7º e 8º Ano

	Parâmetros a analisar	Ponderação
Domínio Sócio-Afectivo.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Interesse - Participação nas actividades propostas - Integração na turma, grupo - Espírito de iniciativa e colaboração. 	25%
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição de conhecimentos - Compreensão de conhecimentos - Aplicação de conhecimentos - Desenvolvimento de competências no domínio do método de resolução de problemas. 	40%
Domínio Psico-motor	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver e coordenar competências motoras - Melhorar a destreza manual - Aplicar o domínio das técnicas - Efectuar medições técnicas - Elaborar desenhos de comunicação técnica 	35%

Instrumentos	Domínio Cognitivo (%)	Domínio Sócio-Afectivo. (%)	Domínio Psico-motor (%)	Total (%)
Testes	10			10
Prática Experimental			35	35
Aplicação de conhecimentos	25			25
Trabalhos de pesquisa	5			5

Assiduidade		5		5
Atitudes e Valores		10		10
Trabalhos de grupo		10		10
TOTAL(%)	40	25	35	100